

Homilia II Domingo Quaresma

Armando Vaz

O incumbido de exortar à prática de atitudes ecológicas tendo como horizonte o trecho evangélico da transfiguração de Jesus poderia ceder à ideia de “pegar-lhe” pela “subida de Jesus ao monte para orar” com três discípulos: o fulgor do rosto de Jesus suscitaria neles o propósito e a vontade de uma ecologia integral. Até a aparente proposta de Pedro a fazer campismo numa *tenda* improvisada no cimo do monte pareceria tão sugestiva e agradável – “como é bom estarmos aqui!” – que revoltaria quem encontrasse o monte inquinado, pejado de lixo, com um ar irrespirável por causa de uma *nuvem* de poluição.

Mas essa seria uma leitura acomodatória: acomodaria os conteúdos do texto ao interesse do ecologista, que deve antes procurar abrir o sentido original do relato em atitude de abertura à sua mensagem. Se o fizer, descobre que *todos* os seus motivos temáticos são puxados da experiência global do êxodo de Israel (Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo) para sugerir contemplar a vida e acção de Jesus em termos dum êxodo libertador: “Moisés e Elias [homens do êxodo] falavam do seu *êxodo*, que ia consumir-se em Jerusalém”. Foi realmente em forma de êxodo que Lucas descreveu a grande viagem do ministério de Jesus que atravessou todo Israel, desde a Galileia, passando pela Samaria, descendo a Jericó e subindo a Jerusalém, onde levou ao ponto culminante a *história da salvação*: como os hebreus saíram do Egipto passando pelo deserto para entrar na Terra Prometida, assim Jesus atravessou o deserto do sofrimento, da paixão e da morte para entrar na glória pela ressurreição e ascensão. Sugere ao leitor: faz o teu êxodo, como Jesus fez o seu: não o podes delegar.

Este êxodo/saída de si mesmo para “o outro” também tem a ver com uma conversão ecológica integral: combate o individualismo e o consumismo desenfreado, recupera o equilíbrio interior partilhando a vida com os irmãos, sendo delicado com a natureza e procurando a comunhão com Deus (LS 210). O êxodo libertador de mim próprio também passa pela cultura do cuidado com a vida, humana, animal, vegetal. A diferença entre quem “sai” em êxodo, cuidadoso, e quem se fecha em si, descuidado, pode estar entre gastar dois litros ou dois copos de água para lavar bem os dentes.

Êxodo de nós próprios não pode ser o comportamento evasivo que mantém hábitos inveterados de sujar o ambiente em que vivemos. Abandonar um plástico que o vento levará para sítios imprevisíveis (cidade, monte, mar) é irresponsável e tem consequências daninhas reais (LS 59). Quem assim procede comete um acto autodestrutivo que não só degrada a nossa casa comum mas redundando na degradação do próprio agressor da natureza. Uma consciência afinada sentiria vergonha de tal acto. O êxodo “leva-me mais longe”: ao fundo de mim, aos outros, à Páscoa de/com Jesus.